



DIÁRIO DE LUTO DE ROLAND BARTHES OU A ESCRITA DO FRAGMENTO

Rodrigo da Costa Araújo¹

<http://lattes.cnpq.br/2412897737732534>

Como o amor, o luto fere o mundo, o mundano, de irrealidade, de importunidade. Resisto ao mundo, sofro com o que ele me reclama, com a sua reclamação. O mundo aumenta a minha tristeza, a minha secura, a minha confusão, a minha irritação, etc. o mundo deprime-me. (Barthes, 2009, p.135)

Não desejo outra coisa que não seja habitar o meu desejo.
(*ibidem*, p.184)

RESUMO – Leitura/resenha do diário de Roland Barthes [1915-1980]. No dia seguinte ao da morte da sua mãe, a 25 de Outubro de 1977, Roland Barthes começa um *Diário de Luto* [2009]. Trata-se de uma obra produzida um ano antes da morte do semiólogo, e publicada somente agora, trinta anos depois. Fragmentário e bordando arabescos em torno do vazio, esse diário é composto por notas dispersas e breves, onde a reflexão dominante é a obsessão pela figura desaparecida; a devoção e a dor; mas, também, a reflexão sobre a própria noção de gênero.

PALAVRAS-CHAVE – *Diário de Luto* - morte - fragmentos - Roland Barthes [1915-1980]

ABSTRACT – Review on the diary of Roland Barthes [1915-1980]. On the day after the death of his mother, 25 October 1977, Roland Barthes begins a diary of Mourning [2009]. This is a work produced a year before the death of semiologist, and published only now, thirty years later. Fragmentary and embroidering arabesques around the empty, this journal consists of scattered and brief notes, in which the main reflection is the obsession for the missing mother, devotion and pain. It is also the reflection on the very notion of genre.

KEYWORDS – Diary of Grief - death - fragments - Roland Barthes [1915-1980]

Produzido entre outubro de 1997 e setembro de 1979, ou seja, um período de dois anos, o *Diário de Luto* [2009], de Roland Barthes [1915-1980] foi escrito a tinta e, por vezes, a lápis, em fichas que ele próprio preparava delicadamente e dividia de folhas de papel A4 cortadas em quatro e das quais organizava sempre uma reserva sobre a mesa. Período, também, que o crítico-

¹ UFF/FAFIMA]



escritor e autor de *Le plaisir du texte*, preparava o seu curso para o *Collège de France* sobre *O Neutro* (fevereiro a junho de 1978), publicava grande número de artigos em diferentes jornais e revistas, escreveu *A Câmara Clara* entre abril e junho de 1979 e, ainda, o curso *La Préparation du roman* (dezembro de 1978 a fevereiro de 1980).

Pelo que tudo indica, no princípio de cada uma destas obras maiores citadas acima, todas elas, explicitamente, foram postas sob o signo da morte da mãe, encontram-se as fichas do *Diário de Luto*. Fragmentário e bordando arebescos em torno do vazio, esse diário é composto por notas dispersas e breves, onde a reflexão dominante é a obsessão pela figura desaparecida; a devoção e a dor; mas, também, a reflexão sobre a própria noção de gênero [no caso o diário], de luto, do tecido excessivo da linguagem e as suas implicações.

Nas 330 fichas - 266 páginas - dia a dia, o ensaísta francês registrou as suas impressões, emoções e sentimentos, face ao luto da mãe, Hemiette Binger que faleceu aos 84 anos. Se, apenas por isso, esta leitura poderia ser interessante (sem qualquer interpretação mórbida no termo), existe, ainda, a importância de Roland Barthes ter sido um dos grandes nomes do pensamento da semiologia e da linguística. Ou seja, subsiste, ao folhear este diário íntimo, a tentação de encontrar nestes fragmentos em prosa uma tentativa de desabafar, evidentemente, mas sempre sob o foco de uma estética ou da sua assumida e propositada negação [“Escrever para recordar? Não para me recordar, mas para combater a dilaceração do esquecimento [...] (p.123)” ou “Não quero falar disto com medo de fazer literatura - ou sem a ter a certeza de que não o será - embora de facto a literatura tenha origem nestas verdades (p. 31)”].

As diversas referências literárias, em especial ao autor de *Em Busca do tempo Perdido*, como “A literatura, é isto: que não posso ler sem dor, sem sufocação de verdade, tudo o que Proust escreve nas suas cartas sobre a doença, a coragem, a morte da sua mãe, o seu desgosto, etc.” (p.187) acentuam ainda mais a relação entre a vida vivida e a escritura.

Diário de Luto é uma espécie de *Fragments d'un discours amoureux* mais pessoal e delicado. Mostra, que, tal como a vida, a morte carrega o simbolismo da primeira vez e a sua carga semântica que ensombra todos os dias. É a primeira noite de luto, o primeiro domingo, o regresso à casa vazia, a primeira neve em Paris sem a presença da mãe. A dor, que inscrita nas fichas e nos significantes, será substituída pelo receio da repetição. Ao longo dos dias, a descoberta da banalidade no luto - “Ao tomar estas notas, confio-me à banalidade que existe em mim” (p.25) - traz-lhe um novo olhar sobre o apartamento onde vivia, as pessoas da rua, a ida à pastelaria, a repetição de rituais quotidianos sem a presença da mãe.



Jogar com o privado, permitindo a mirada *voyeurista*, não é o que mais surpreende em Barthes, autor de escritos íntimos - discurso que, progressivamente, ele foi se subjetivando, adotando o fragmento e a notação, a começar pelas notas de viagem do livro *L'Empire des Signes* [1970] e, de forma esparsa, em *Roland Barthes par Roland Barthes* [1975] e, ainda, com a presença da primeira pessoa do singular, plenamente em cena desde *Fragments d'un discours amoureux* [1977]. Esse diário se escreve, assim, em nome do morto, em direção à morte. Futura ou presente, anunciada ou encenada, ela paira sobre o texto. E com ela, o gozo do diarista, por isso, também, a escrita descontínua e lacunar, que encena o vazio: ali têm lugar a ruptura, a cisão e, sobretudo, o silêncio. Linhas, fragmentos, fichas em torno de um vazio, palavras no lugar do indizível, lápide sobre as ruínas, epitáfio para a mãe.

A escrita do gozo, nesse caso, constitui, nesse diário, uma escrita que se aproxima da morte, da perda, da destruição das certezas do sujeito, da ruína de seus alicerces: “Avec l'écrivain de jouissance (et son lecteur) commence Le texte intenable, le texte impossible”¹ [BARTHES, Roland. 1977, p.37]. Assim, pondo-se, com efeito, na posição daquele que faz e não mais na daquele que fala sobre um discurso, Barthes-escritor endossará sua produção, fundamentalmente, a partir das proposições do fragmento e do romanesco nesse diário ou em muitos outros ensaios críticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris, Seuil, 1977.

BARTHES, Roland. *Diário de Luto*. Lisboa. Edições 70, 2009.

Diário de Luto

Roland Barthes

Ano 2009

Editora: Edições 70



¹ “Como o escritor de gozo (e seu leitor) começa o texto insustentável, o texto impossível”. [BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. 1977. Paris. Seuil. p.37].